

RESENHA

VELOSO, CLAUDIO WILLIAM. *POURQUOI LA POÉTIQUE D'ARISTOTE? DIAGOGÈ*. PRÉFACE DE MARWAN RASHED. PARIS: LIBRAIRIE PHILOSOPHIQUE J. VRIN, 2018. [HISTOIRE DES DOCTRINES DE L'ANTIQUITÉ CLASSIQUE, 50]. 432 PP. ISBN 978-2-7116-2767-7. PREÇO: 49 EUROS.

**José Leonardo Sousa Buzelli
IEL/UNICAMP**

Aristóteles teria escrito a *Poética* para indicar qual seria a mais nobre forma de passatempo intelectual (*diagogé*) àqueles que não devotam a vida à filosofia, e não como um receituário médico que prescreve a poesia de modo geral, e a tragédia em particular, como elemento capaz de purificar ou purgar paixões nocivas ao indivíduo e à pólis. De fato, o (único) trecho da obra em que o Estagirita defende a função catártica da tragédia não seria autêntico, e sim uma glosa marginal inadvertidamente incorporada ao texto transmitido por três testemunhos independentes.

Esta é, em resumo, a ousada tese defendida por Veloso no livro *Pourquoi la Poétique d'Aristote? Diagogè (PPA)*, e que já vinha sendo defendida há décadas, com algumas variantes, pelo próprio Veloso e por outros estudiosos.¹

¹Veja-se os artigos de M. D. Petruševski (“*Παθημάτων κάθαρσιν* ou bien *πραγμάτων σύστασιν?*”, in *Ziva Antika / Antiquité Vivante* 4, 1954, pp. 209-50), A. Freire (“A Catarse em Aristóteles”, in

O caráter catártico da poesia tem gerado intermináveis debates ao longo dos séculos entre os exegetas da *Poética*, que aventam as mais variadas e contraditórias hipóteses acerca dela e de sua função. Ora, grande parte dessa perplexidade se deve ao laconismo com que a *kátharsis* (“purgação” ou “purificação”) é tratada no texto transmitido, em desacordo com a técnica expositiva de Aristóteles, sempre preocupado em definir e clarificar seus termos. A ausência de uma explicação de o que seja a catarse é ainda mais estranha quando se lembra que o próprio filósofo prometeu alhures tratar dela em detalhe na *Poética*.²

Qualquer um que se tenha aproximado alguma vez do *Corpus Aristotelicum*, mesmo que brevemente, sabe quão complexo é o problema da atribuição de cada um de seus textos ao Estagirita — há certo consenso de que em alguns ele teria se limitado ao papel de supervisor (e.g. *Atheniensium Respublica*), e que outros teriam sido escritos após sua morte, por seus discípulos (e.g. *De Coloribus*) ou mesmo por autores tardios como Nicolau de Damasco (e.g. *De Plantis*). A isso se somam os fragmentos, que muitos desde V. Rose (1863) consideram espúrios. Para dificultar ainda mais as discussões acerca das ideias do filósofo, há claras (e provavelmente extensas) lacunas nos títulos que nos chegaram. Da própria *Poética* parece faltar todo um capítulo final, dedicado ao iambo e à comédia,³ onde, como prometido, Aristóteles talvez discorresse acerca da catarse.

APPACDM, Braga, 1982, ²1996) e G. Scott (“Purging the Poetics”, in *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 25, 2003, pp. 233-63). O artigo de Veloso é “Aristotle’s *Poetics* without *Katharsis*, Fear, or Pity”, in *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 33 (2007), pp. 255-84.

² Aristóteles, *Política*, 1341b.38: “τί δὲ λέγομεν τὴν κάθαρσιν, νῦν μὲν ἀπλῶς, πάλιν δ’ ἐν τοῖς περὶ ποιητικῆς ἐροῦμεν σαφέστερον”.

³ É o que depreende de “obscuros vestígios” ao final do ms. *Laurentianus Riccardianus* 46, que podem ser decifrados como a introdução a um novo tópico (“περὶ δὲ ἰάμβων(?) καὶ κωμωιδίας ...”). Em um interessante e curto apêndice a *PPA* (pp. 401-3), Veloso nota, porém, que a crença nesse suposto trecho desaparecido depende justamente da aceitação como autêntica da frase acima, e que mesmo assim nada há que indique a perda de todo um livro.

Veloso insurge-se contra essa alternativa, bem como contra outras que defendem a originalidade do trecho destacado abaixo, e, seguindo a sugestão de Scott, propõe descartá-lo como espúrio:

περὶ μὲν οὖν τῆς ἐν ἑξαμέτροις μιμητικῆς καὶ περὶ | κωμωδίας
ὑστερον ἐροῦμεν· περὶ δὲ τραγωδίας λέγωμεν | ἀναλαβόντες
αὐτῆς ἐκ τῶν εἰρημένων τὸν γινόμενον ὄρον | τῆς οὐσίας. ἔστιν
οὖν τραγωδία μίμησις πράξεως σπουδαίας | καὶ τελείας μέγεθος
ἐχούσης, ἡδυσμένῳ λόγῳ χωρὶς ἐκάστῳ τῶν εἰδῶν ἐν τοῖς
μορίοις, δρώντων καὶ οὐ δι' ἀπαγγελίας, **δι' ἑλέου καὶ φόβου**
περαίνουσα τὴν τῶν τοιούτων | παθημάτων κάθαρσιν. λέγω
δὲ ἡδυσμένον μὲν λόγον τὸν | ἔχοντα ῥυθμὸν καὶ ἁρμονίαν {καὶ
μέλος}, (del. Tyrwhitt) τὸ δὲ χωρὶς τοῖς | εἶδεσι τὸ διὰ μέτρων ἕνια
μόνον περαίνεσθαι καὶ πάλιν ἕτερα | διὰ μέλους. (1449b 21-31)⁴

Transmitido por três testemunhos independentes da *Poética* — os manuscritos *Parisinus graecus* 1741 (séc. X) e *Laurentianus Riccardianus* 46 (séc. XIV), e a tradução árabe de Mattā Ibn Yūnus (séc. X) —, a menção à catarse não poderia de fato ser marcada como uma interpolação sem gerar controvérsias. Veloso, contudo, não é avesso às controvérsias.

Seus principais argumentos a favor do descarte são dois, resumidos por Rashed já no prefácio de *PPA* (p. 10): o primeiro, teórico e positivo, pondera que, aceitando-se que o objetivo da arte é a imitação, não poderia ser também, como conclusão lógica, purgar as emoções. O segundo, filológico e negativo, nota que nada há, no restante do texto, que faça a mínima alusão à função

⁴ Traduzo: “Discorreremos depois acerca da arte da imitação em hexâmetros (i.e. da épica) e acerca da comédia; falemos da tragédia, retomando a definição de sua essência que surge do que dissemos. A tragédia é, portanto, a imitação de um feito excelente, perfeito e grandioso, em linguagem temperada (ou ‘agradável’) com formas distintas em suas partes, pela ação (i.e. pelo desempenho dos atores) e não através da narrativa, **que alcança, pela piedade e pelo medo, a katharsis dessas emoções.** Chamo de ‘linguagem temperada’ a que possui ritmo, harmonia {e melodia}; ‘com formas distintas’ porque algumas partes são realizadas apenas através da métrica, e outras ainda através da melodia”.

catártica da poesia. Como explica Rashed, nenhum dos dois argumentos, isolados, é suficiente, mas a convergência de ambos “é implacável” (ibid.) — Aristóteles poderia muito bem desenvolver uma teoria da catarse paralela à da imitação, assim como poderia se calar acerca de um ponto que não julgasse “capital”, mas aqui “o silêncio [seria] muito *dissonante*” (itálico de Rashed) para ser obra de Aristóteles.

Ademais, ainda que reconhecendo o efeito emocional despertado pelas tragédias, Veloso também argumenta (pp. 49-50) — a partir de uma passagem de Heródoto (6.21.2) em que o tragediógrafo Frínico é punido por ter levado às lágrimas sua plateia ao representar no palco a captura de Mileto pelos persas — que os atenienses não iam ao teatro para purgar suas emoções, nem pareciam propensos a aceitar a “ideia de um aprendizado pelo sofrimento” exposta por Crespo noutro trecho de Heródoto (1.207.1). Eles assistiriam às peças, isso sim, em busca de um prazer puramente intelectual, derivado do reconhecimento da coisa imitada.

É possível responder a algumas das objeções acima de outras formas, sem a necessidade de suprimir a catarse do *textus receptus*. Uma delas, sintetizada por N. Pappas,⁵ considera que *παθημάτων* não faria referência às “paixões” ou “emoções” da plateia, e sim aos incidentes dramáticos responsáveis por elas — ou seja, a *kátharsis* seria a resolução do enredo, e o objetivo da tragédia seria apresentar uma estrutura narrativa coerente e significativa. Petruševski (*art.cit.*, p. 237), por sua vez, preferiu um meio termo, e propôs emendar *παθημάτων κάθαρσιν* para *πραγμάτων σύσταρσιν*, mas sua sugestão parece não ter sido muito bem aceita por não se adequar muito ao contexto.

⁵ N. Pappas, “Aristotle”, in B. Gaut & D. Mc. Lopes (edd.), *The Routledge Companion to Aesthetics*, Londres e Nova York, 3^o 2013, pp. 13-24.

Os estudiosos de Aristóteles têm reagido à tese de Veloso com virulência variada, e em argumentos *ad hominem* o autor já foi tachado de “terrorista”, “megalomaniaco” e “excessivo”.⁶ Seus argumentos, porém, são bem estruturados e minuciosos, frequentemente esmiuçando os pormenores sintáticos e lexicais do texto aristotélico transmitido, sem ignorar suas muitas variantes. Algumas das objeções que lhe são feitas — como a de P. Destrée, para quem “os antigos se mostravam em geral fieis e honestos copistas” (apud *PPA*, p. 11) — podem ser derrubadas com facilidade, bastando, neste caso específico, elencar os inúmeros exemplos de glosas marginais incorporadas a textos antigos, incluindo ao Novo Testamento (e.g. João 7:53-8:12).⁷

N. Pappas (*op.cit.*, p. 16), ao mencionar os artigos de Petruševski, Scott e Veloso,⁸ pondera que a exclusão de uma passagem difícil deve ser sempre o último recurso dos filólogos, mas que, dada a dificuldade intransponível de se definir o que seja aqui a *kátharsis*, a hora para se adotar esse último recurso pode ter chegado. O trecho em questão, óbvio, não desaparecerá das edições da *Poética*, ainda que um número crescente de acadêmicos pareça disposto a acatar a tese de se tratar de glosa marginal, em grande parte porque, seja ou não da pena de Aristóteles, o conceito de catarse nas artes narrativas e dramáticas desfruta de uma fortuna crítica multissecular. Quando muito, ele talvez venha entre colchetes em algumas edições (como *καὶ μέλος* na linha 1449b 29, acima).

O leitor que se aproximar do livro sem uma opinião pré-definida acerca da matéria sairá convencido de sua validade, ainda que não necessariamente de sua verdade (como poderia?). E mesmo o mais empedernido defensor

⁶ É o que informa M. Rashed no prefácio de *PPA*, p. 10, com nota 2.

⁷ Ver Bart D. Ehrman, *O que Jesus Disse? O que Jesus Não Disse*, trad. M. Marcionilo, Rio de Janeiro, 2015, pp. 73-5.

⁸ Ver nota 1, acima.

da permanência da catarse em Aristóteles deverá enfim reconhecer o quão desapontadoras são as inúmeras teorias aventadas para a explicar, não importando quão sutis sejam os argumentos elencados.

No mais, senti falta apenas de um índice de nomes e termos que facilitasse a busca por pontos específicos no interior do livro. Como poucos parecem hoje em dia saber francês em nossas universidades, e considerando-se a nacionalidade do autor, aproveito, aliás, para recomendar a tradução urgente da obra para o português.

José Leonardo Sousa BUZELLI
IEL / UNICAMP